



As meninas nos jornais e revista: recepção da obra de Ligia Fagundes Teles, nos jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo e revista Veja.

Lorena de Souza Coutinho de Paula*

Resumo

A história e a literatura dialogam com mais frequência. Buscando um intercâmbio de novos temas e vivências, que antes dessa interdisciplinaridade não se viam completas, deixando para trás a ideia de que as duas áreas eram opostas. Dessacralizaram essa arte, abandonando a crença dela ser transcendental, feita pela imaginação e apenas ficcional. As pesquisas que estabelecem uma amarração mais profunda entre essa interdisciplinaridade podem entender um pensamento social mais pleno. Por tanto, esse trabalho propõe analisar a reação e perspectiva das críticas literárias, dos anos de 1973, que demonstraram o seu ponto de vista a respeito da obra de Lygia Fagundes Telles denominada *As meninas* (1973). Ganhador dos mais importantes prêmios de 1974. Na ditadura civil-militar (1964- 1985), a produção literária denunciou o governo autoritário e suas atrocidades. Mesmo estando ainda sob a vigilância e repressão do Ato Institucional-5. É nesse plano de fundo que *As meninas* de Lygia Fagundes Telles é cunhado. Denuncia as rachaduras dessa sociedade. Por tanto, perceber a reação e posicionamento das críticas dos jornais e revistas é saber como mesmo que uma pequena parcela, dos seus contemporâneos receberam a obra ou foram influenciados pela mensagem dos jornais. Foram selecionados dois jornais: Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, e uma revista a Veja. Com esse trabalho, além de contribuir para a relação entre História e Literatura, refletimos sobre a sociedade civil-militar, jornais e as mulheres, e ainda. Pensado através das críticas literárias percebemos o posicionamento da imprensa e como ela poderia influenciar possíveis leitores.

Introdução

A literatura é presente no cotidiano e vida das pessoas. Muda os seus objetivos e personagens de acordo com a sociedade em que está incorporada. Portanto entende-se a literatura como um testemunho histórico que constrói vínculos entre o contexto da obra e quem lê/ recebe, analisando esse intercâmbio. Estudando sobre a produção dos textos

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História- PPGHIS da Universidade de Brasília

entendemos: quem fala, onde fala e que linguagem usa, já pensando o texto por si, é importante perceber, do que se fala e como se fala (PESAVENTO, 2004, p.70).

O diálogo entre a história e a literatura tornam-se cada vez mais intenso, deixando para trás uma concepção de antinomia. Uma busca na outra, novos prismas para pesquisas, que antes dessa interdisciplinaridade não se viam completas. As diferenciações estão tornando-se vacilantes e imprecisas. (WHITE, 1994)

A literatura é melhor usada quando os historiadores dessacralizaram essa arte, abandonando a crença dela ser transcendental, feita pela imaginação e apenas destinada ao entretenimento. Essa concepção foi confrontada tanto por Pierre Bourdieu, quanto por Sídney Chalhoub e Leonardo Pereira; esses por sua vez ainda aprofundaram a discussão ao sugerir que se deve:

Historicizar a obra literária- seja ela conto, crônica, poesia ou romance-, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social. (CHALHOUB; PEREIRA, 1998, p.7)

Deve-se, portanto, trata-la como um testemunho histórico, submeter a um tratamento rigoroso e a um interrogatório minucioso. Toda obra dialoga não apenas com o autor, mas também estabelece vínculos com outras obras, ideologias, cultura e classes sociais.

Então, pensaremos nos vínculos da obra *As meninas* de Lygia Fagundes Teles obra com os jornais no ano de 1973.

Importâncias d*As Meninas*

O Brasil viveu uma ditadura civil-militar, de 1964 até 1985. No começo para justificar o golpe, que tirou o presidente João Goulart do poder, disseminou a ideia de um golpe da esquerda e dos comunistas. Esse fato mobilizou, não só os militares, mas a população em favor de uma medida severa. Mas de acordo com Marcos Napolitano o golpe não foi contra o comunismo ou um governo, “mas foi contra um regime, contra uma elite em formação, contra um projeto de sociedade, ainda que esse fosse politicamente vago”. (NAPOLITANO, 2014, p. 22)

Quando o AI-5 entra em vigor em 13 de dezembro de 1968, a repressão e censura começam a ficar mais forte, sendo mais drástica entre 1969 e 1973. Mesmo com o a repressão em seu auge e a censura ainda muito grande, aos artistas engajados politicamente, a arte é prestigiada pela criatividade e estimulada pelo crescimento do mercado. O consumo da cultura na década de 1970 fica cada vez maior.

O florescimento cultural e político da década de 1960 frutificou, em boa parte, graças a crescente urbanização, aumento quantitativo da classe média, acesso crescente ao nível superior, avanço tecnológico. Fatos que aproximaram “a política da cultura e da vida cotidiana”. (RINDENTI, 2003. p. 153) No entanto, ao fim dessa década há uma “superpolitização da cultura indissociável do fechamento dos canais de repressão política, de modo que muitos buscam participar da política inserindo-se em manifestações artísticas”. (RINDENTI, 2003. p. 143)

De forma alegórica temas conflituosos, principalmente de 1968, são abordados dentro da arte. Como: crise na educação, simpatia pela proposta revolucionária, aproximação entre a política e a arte, ânsia de liberdade pessoal, feminismo, mudanças comportamentais e morais. (RINDENTI, 2003. p. 153) A produção cultural assume lugar de resistência e militância. (NAPOLITANO, 2014, p.139).

No contexto específico da ditadura civil-militar brasileira os literatos se viram na obrigação de apontar a realidade imediata e, vários romances tentam mostrar “literariamente a análise explícita e brutal da violência da ditadura, do terrorismo e do processo modernizador, por meio de uma técnica de ficção muito avançada”. (LEITE, 1998, p.203)

Atingidos em menor intensidade, em paralelo com a música, teatro ou telenovelas, como exemplos, os literatos viram-se em uma posição na qual eram obrigados a abrir espaço em suas produções e denunciar as atrocidades e crimes do regime.

Produzido nessa conjectura política e social, *As meninas* (1973) da autora Ligia Fagundes Telles, tem maioria de personagens femininas, como outras obras mostra a decadência social, o cotidiano das pessoas e a crueldade do período. No entanto, difere de outras obras ao mostrar as angustias e inquietudes da sociedade, através do íntimo olhar das mulheres. Projeta não apenas o que elas sofrem, mas como elas percebem o outro e suas dificuldades.

Com estrutura de 12 capítulos, as personagens principais do romance são também as narradoras, Ana Clara, Lia e Lorena; mostram o seu ponto de vista, o seu passado e o anseio pelo futuro. A narrativa passa-se em um pensionato de freiras, Nossa Senhora de Fátima, para meninas que estudam em São Paulo.

Ana Clara da conceição, abandonou o curso de psicologia e ainda modela. Não tem certeza de quem é o pai, mas sua mãe cometeu suicídio por ser forçada por seu companheiro a cometer mais um aborto. Em nenhum momento, durante o livro, está preocupada com a situação social ou política do país, pelo contrario suas reflexões são apenas sobre o seu passado marcado pela pobreza e abusos sexuais e um futuro incerto, por estar possivelmente grávida do homem que ama, mas tendo que casar-se virgem com um homem rico. Alcóolatra e droga usada a sua beleza e sexualidade como ascensão social.

Lia de Mello Schultz, estudante de ciências sociais, trancou o curso para poder envolver-se com a resistência contra a ditadura. Filha de uma baiana com um ex-nazista, provem de uma família grande de classe média. É militante, feminista e revolucionária; assim como seu namorado que está preso e sendo torturado. No decorrer do livro sabemos que muito em breve será solto e exilado em troca de um diplomata.

Lorena Vaz Leme, estudante de direito e a única que permanece em seu curso. Provinda de uma família tradicional e com dinheiro, sua mãe é viúva e vive com um homem mais novo, ao contrário da filha que tem um romance platônico com um homem muito mais velho e casado. Ponto de equilíbrio do trio ela é culta e centrada, entende os problemas sociais, mas opta por não tomar partido de nada que acontece.

Dentro do pensionato as três se conhecem e tecem uma amizade segura e firme, mesmo que improvável, pois além de provim de camadas sociais distintas, também se diferem em sua moralidade e ideologias, sendo quase antônimas. Sempre que elas se encontram, no quarto da Lorena, conversam sobre assuntos como: política, cultura norte-americana, casamento, família, filosofia, dentre outros. Sempre conversas que mesmo não sendo densas, são complexas, ao ponto de provocar reflexões e inquietações em quem lê.

A amizade delas passa por um crivo que tende a testar não somente as personagens, mas também o leitor que não imagina o que fazer na situação clímax da obra. Seu ponto central é mais evidente no fim, quando nos deparamos com as inconstâncias e egoísmo humano, criticando uma sociedade de longe perfeita, marcada por abusos de poder. Elas

vão contra não somente as figuras normativa para a mulher, como também divulga uma sociedade, juventude inquieta.

As meninas é uma obra fruto de um tempo histórico onde havia uma grande repressão e tentativa de silêncio. Mesmo que ficcional, mostra em sua palheta de temas indagações que a sociedade naquele momento fazia para si mesma e ainda hoje perguntamos, não deixando de trazer novos questionamentos. Além de desnudar assuntos mal cobertos pela ditadura militar, como a tortura. Na pagina 105 do livro Lia apresenta para Madre Alix, a responsável pelo pensionato um panfleto que conta sobre a tortura do botânico chamado Bernardo que foi preso e submetido a maus tratos por 25 horas.

Neguei. Enrolaram-me então alguns fios em redor dos meus dedos, iniciando-se a tortura elétrica: deram-me choques inicialmente fracos que foram se tornando cada vez mais fortes. Depois, obrigaram-me a tirar a roupa, fiquei nu e desprotegido. Primeiro me bateram com as mãos e em seguida com cassetetes, principalmente nas mãos. Molharam-me todo, para que os choques elétricos tivessem mais efeito. Pensei que fosse então morrer. Mas resistia e resisti também às surras que me abriram um talho fundo em meu cotovelo. (TELLES, s.d., p. 127-128, itálico da autora).

Ao mostrar dentro do livro de vinculação nacional um panfleto que realmente existiu, a autora da voz aos silenciados naquele momento. Mostra para aqueles que leem o livro com detalhes um fato verídico. Descortinando o que foi coberto pelo sistema. Assim como vários outros temas, os jovens sumindo a cada dia, a luta contra a ditadura, os sequestros dos diplomatas. Além do preconceito da classe média, critica a religião, aos intelectuais não engajados e ao consumo de cultura norte-americana. Com maestria ela mostra a situação das mulheres nessa sociedade repressora, discute o acesso à educação, a sexualidade, o casamento, desquite, adultério, o estupro na infância e agressões físicas sofridas dos parceiros. Mostrou-se uma obra polêmica para a época.

O romance recebeu os Prêmios Jabuti, Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras e “Ficção” da Associação Paulista de Críticos de Arte, todos no ano de 1974. Já reconhecido no seu tema como uma obra literária que precisava ser lida e refletida, continuamos a resgatar suas representações e mais, tentar entender através dos jornais como possivelmente esse livro foi recebido por seus contemporâneos.

Os Jornais e a ditadura

De acordo com Maria Helena Capelato, depois de 31 de março de 1964 “A grande imprensa, em sua quase maioria, exulta”, (CAPELATO, p.53), e são várias as manchetes

mostrando alívio e positivismo quanto ao futuro. O apoio devia-se ao fato do medo quanto ao “perigo comunista”.

No entanto:

“(de 1972 a 1975) há uma radicalização da atuação censória, com a institucionalização da censura prévia aos órgãos de divulgação que oferecem resistência. Observa-se que em parte desse período o regime político recrudescer em termos repressivos, momento em que o controle do Executivo pertence aos militares identificados”. (AQUINO, 1999, p. 212)

Os jornais apoiadores mostraram-se decepcionados e distanciaram-se do regime já em 1966. A grande maioria apoiaram a redemocratização, como é o caso da Folha de São Paulo.

Além da censura prévia, também devemos nos atentar aos mecanismos de auto-censura impostos aos jornalistas, que, começaram a vacilar em escrever sobre certas pautas, ou usar analogias e metáforas, sempre em mente tentar encaixar o seu estilo de escrita e naquilo que o regime taxava como regra.

Contudo, muitas foram as estratégias usadas para denunciar de alguma forma os cortes e censuras feitas aos jornais e revistas para o público. Como por exemplo:

“O Estado de São Paulo publicou trechos de literatura nos espaços censurados; a revista Veja recorreu a desenho (de anjos e demônios) e poemas com dupla significação. Acabou sendo retirado quatro vezes das bancas. (CAPELATO p. 55)

Análise dos jornais e Revista

“A imprensa jornalística coloca no mercado um produto muito específico: a mercadoria política”, (CAPELATO p. 18) Pensando que mesmo não sendo uno, o jornal ou revista tem uma coerência em si, portanto as críticas literárias também vinculam ideologias e a mercadoria política do jornal.

Mesmo a crítica literária sendo uma opinião do crítico, muitos leitores baseiam-se nessas informações para adquirir ou não o produto. Jugando que quem escreve é mais apto para qualificar do que o mero leitor do jornal.

Proponho-me analisar as críticas literárias feitas ao livro *As meninas* no ano de seu lançamento em 1973. Por dois jornais: Folha de São Paulo e Estado de São Paulo, e também da revista Veja. Os três em intensidades distintas apoiaram o golpe de 1964 e fizeram censuras ao AI5 em 1968. Portanto será de suma importância percebermos o posicionamento desses meios de informação, em um livro que aponta para os defeitos do regime e quebra silêncios dessa sociedade.

Análise dos jornais: folha de São Paulo e Estado de São Paulo.

A folha não tinha uma orientação própria, por causa das mudanças de donos de jornais. Publicou várias matérias e três críticas literárias entre 1973 e 1974, sobre o livro.

A crítica escolhida é de 07 de dezembro de 1973 Caderno folha ilustrada, nas últimas partes do caderno, na parte de roteiro. Encontra-se na parte debaixo da página. Anunciado vários outros entretenimentos, como: musicais, novelas e exposições. O destaque não é grande.

O artigo com o título “Ligia: um romance sobre gente jovem” ressalta a todo momento que Ligia não quer falar sobre o novo, o jovem, uma juventude desregrada e sem base. Ao não ter uma assinatura mostra-se impessoal, logo não percebemos quem poderia ter opinado sobre a obra. Homem ou mulher, portanto não conseguimos compreender se alteraria ou não quem fala e como se posiciona.

Quem escreve não exalta o livro, ou seu caráter ousado. Apenas demarca os temas e quais assuntos são colocados em voga no livro.

O jornalista sempre remete a autora quando escreve de forma mais concisa, nunca colocando sua opinião quanto ao livro ou os assuntos levantados por ele. Como: “ ‘As meninas’ é uma realidade que faz parte do cotidiano do leitor, segundo a explicação da autora”, ou “Ligia explica que em ‘As meninas’ procura mostrar a juventude em uma sociedade que se tornou opressiva”. Entendemos que ao não se colocar no texto o autor apresenta o livro como apenas da Ligia, usa um subterfúgio de auto-censura e de falsa neutralidade.

Já a crítica do Estado de São Paulo, tem por título “As meninas: a crise das elites e da literatura”, escrito por Almeida Fischer, situado parte de suplemento literário da edição

de 23 de dezembro de 1973, tem maior destaque e divide a página com uma matéria sobre sociologia e crítica literária.

O autor da crítica destaca a “coragem que imerge do caos onde aquela naufraga”, e afirma que Ligia com o livro opta por essa coragem. Ressalta que o “intimismo nativo a autora que não consegue abandonar os assuntos de ordem sociais ou políticos”. Por fim destaca que o livro é adulto, escrito com força.

Almeida Fischer põe a sua opinião sobre o livro, não sendo nem de longe neutro, e destaca em todo o tempo a audácia da autora. Percebe a obra que ressalta assuntos de ordem feminina como sendo maior, assuntos pertinentes a toda a sociedade.

Análise da Veja

Escrita por Bruna Becherucci, claramente a crítica literária não apoia a obra. Ressalta a abordagem da autora como perigosa, ao compará-la com uma criança usando um revolver. Sem responsabilidade para a crítica o livro trata de assuntos polêmicos que deveriam ser silenciados em prol do momento que deve ser conciliador e de união.

Para a jornalista ao ousar e ter coragem, apenas faz por ser o usual, o fútil e o que é modismo do subterfúgios e das técnicas freudianas. Ao tentar usar “uma linguagem nova desinibida e despreocupada, mas na realidade não vai além dos palavrões consentidos de praxe.”

A crítica mostra profunda reprovação quanto ao livro e mostra-o como uma escrita presa ao comodismo de um período em reconstrução. Trata o livro, ainda, como um ato injustificado e facilmente perdoado por ser o primeiro da autora que normalmente é muito aguçada, irônica e tradutora da alma feminina

Conclusão

As conclusões aqui chegadas ainda são parciais, cabe portanto, averiguações de prismas distintos. No entanto, é correto afirmar que, a literatura leva emoções, ideologias e possibilidades para os leitores. Sendo expressão de um tempo é também possibilidade de pesquisa por ser influenciadora. Em maior base, assim também são os jornais. Que influenciam e vendem ideologias, nunca imparciais. Atrelar as duas fontes para entender

a sociedade é de fundamental importância. Tendo a sutileza de entender que eles não falam pela sociedade, mas expressão posicionamentos daqueles que escrevem e influenciam de diversas maneiras aqueles que leem.

Ao focar três jornais com três posições diferentes quanto a obra de Ligia Fagundes Telles, no ano de sua publicação, podemos compreender como estes legitimam ou não o livro. Ao dar ênfase aos assuntos e ao caráter inovador e socialmente importante do livro o crítico do jornal Estado de São Paulo valida a leitura do leitor e trás a percepção temas e sutilezas que poderiam ser deixadas para segundo plano. Ao contrário do posicionamento da crítica da revista Veja, que mesmo sendo mulher não valida os assuntos ou dilemas das personagens e desmotiva com suas palavras contrárias a leitura da obra. Por fim, mesmo o caráter neutro da Folha de São Paulo evidencia os silenciamentos da ditadura e o não posicionamento.

Mesmo não sendo opiniões férreas dos jornais, o que posteriormente mudou tendo mais críticas sobre *As meninas*, as críticas geram perspectivas e expectativas e preferências que levam o peso do jornal, as validando. Logo, o leitor não acata somente o julgamento de quem escreve, mas também de onde está escrito.

Fonte Bibliográfica:

Estado de São Paulo. Páginas da edição 23 de dezembro de 1973 - PAG. 143, parte de suplemento literário. Acervo folha de São Paulo. Disponível em: acervo.estadao.com.br. Acessado em 23/07/2017

Folha de São Paulo, Caderno folha ilustrada, roteiro. Data: 07 de dezembro de 1973, página 05. Acervo Folha de São Paulo. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br> Acessado em 23/07/2017

Acervo Revista Veja. Disponível em: <http://acervo.veja.digital.com.br> Acessado em 23/07/2017

TELLES, Lygia Fagundes. As Meninas. 5.^a ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1974.

Referências bibliográficas:

ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). Bauru, SP: Edusc, 2005.

AQUINO, Maria Aparecida de. Censura, Imprensa e Estado autoritário (1968- 1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999.

BARBOSA, Marialva. Histórica cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2007.

CAPELATO, Maria Helena. Imprensa e História do Brasil.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. M. (orgs). A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

DALCASTAGNÈ, Regina - O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro. Brasília: Editora da UnB, 1996.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. Ficção, cidade e violência no Brasil pós-64: aspectos da história recente narrada pela ficção. In: Leenhardt, J; Pesavento, S J, (orgs). Discurso histórico e narrativa literária. Campinas: UNICAMP, FFLCH/USP, 1998
NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PESAVENTO, Sandra J. História & história cultural Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RIDENTI, Marcelo. Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade. Porto Alegre, 20(2): jul./dez, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. 4ª edição, Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WHITE, Hayden. Teoria Literária e Escrita da História. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas 7 (13): 21- 48, 1994.